



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## **A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Maiara Fava de Souza**<sup>1</sup>; **Mirian Xavier**<sup>2</sup>

UEMS, UEMS - Bloco D, piso superior. Telefone (067) 3902 2682 - E-mail: maiarafava\_777@hotmail.com

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Ciências Biológicas. <sup>2</sup>Professora Doutora do curso de Ciências Biológicas da UEMS.

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo relatar e analisar a experiência de estágio, realizada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Ciências, do curso de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. As atividades foram desenvolvidas com alunos do ensino fundamental, de uma escola estadual do município de Maracaju, MS, no primeiro semestre de 2014. A reflexão da prática pedagógica por parte da acadêmica se baseou nas coletas de dados realizadas durante o estágio de observação e participação. Pode-se constatar a importância de aulas diferenciadas, que favoreçam a construção dos conhecimentos por parte dos alunos, além de momentos que promovam a percepção dos valores e dos princípios de educação e respeito. Diante das atividades desenvolvidas, conclui-se que é imprescindível para o acadêmico de licenciatura a prática de estágio, pois através deste é possível associar as teorias estudadas em sala com a realidade escolar. É o momento de fazermos uma reflexão do nosso futuro ambiente de trabalho e dos fatores que condicionam esse ambiente.

**Palavras - chave:** Ensino de Ciências; Estágio Supervisionado; Formação Docente.

### **INTRODUÇÃO**

A importância do ensino de Ciências na educação básica parte do pressuposto de que a sociedade se beneficia cada vez mais com os avanços científicos, provocando impactos nos âmbitos, econômico, social e pessoal. Portanto, a busca pela informação permite aos seres humanos desenvolver visões críticas, dando condições para que os mesmos possam participar ativamente da sociedade onde estão inseridos (LORENZETTI; DELIZOICOV, 2001). Nessa perspectiva, o ensino de ciências desenvolvido no espaço escolar, se apresenta como o meio de desenvolver o raciocínio lógico, estimular a curiosidade, dar subsídios para a formação de opiniões, permitir que os alunos/cidadãos participem de temas atuais sobre as inovações tecnológicas (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2008).

Santos *et al.* (2011) afirma que historicamente é possível perceber a evolução do ensino de Ciências, que caminha de acordo com as circunstâncias e a época, acompanhando o desenvolvimento da sociedade. Desta maneira, é importante compreender que o ensino de ciências dentro das escolas deve ter como intuito possibilitar aos alunos o uso desses conhecimentos em situações da vida diária.

Por outro lado, é perceptível entre os acadêmicos dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, uma grande dificuldade em lidar com a realidade da sala de aula, com a aculturação do ensino de ciências (ROSA *et al.*, 2012; CARVALHO, 2004) e essa dificuldade pode estar relacionada com a diversidade de conhecimento e saberes que constituem o fazer docente. Nessa perspectiva Tardif (2002) afirma,

[...] o saber docente não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. (TARDIF, 2002, p. 11).

Segundo Cardoso *et al.*, (2011), o estágio curricular deve estar diretamente relacionado com a realidade do cotidiano escolar, pois ele oferece ao acadêmico uma preparação para o pleno exercício da profissão (ser professor). Portanto, torna-se importante caracterizar o estágio curricular, que segundo o Parecer número 21, de 2001, do Conselho Nacional de Educação, é definido como

[...] um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim, o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário (PARECER CNE/CP 21/2001).

Segundo Pimenta (2001), o estágio curricular é o momento em que os discentes devem realizar atividades que exigem inúmeras competências. Tais competências como: “saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar e, conseqüentemente, propor alternativas de intervenção”.

O projeto pedagógico do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2007) advoga que o estágio curricular supervisionado possibilitará aos alunos experiências no âmbito escolar, para que estes possam desenvolver habilidades e competências necessárias à prática docente. Assim, o estagiário terá oportunidade de delinear sua prática a partir de processo reflexivo que lhe possibilitará participar de forma adequada com a complexa realidade educacional.

Para Freire (2001), o aluno estagiário deve ter um olhar de pesquisador para essa realidade (escolar), o estágio deve ser concebido como uma pesquisa, pois é neste espaço que ocorre a construção de aprendizagens significativas. E, para que este “olhar de pesquisador” exista é necessário que o acadêmico possa relacionar todas as disciplinas teóricas estudadas durante o curso de licenciatura, pois estas serão responsáveis pela construção deste conhecimento, contribuindo para a formação do futuro profissional.

Portanto, o estágio curricular torna-se indispensável para a formação profissional, pois para o acadêmico é o momento que os conhecimentos teóricos serão aprofundados e o mesmo conhecerá o seu ofício e vivenciará experiências práticas. É o momento de fazer a transição de aluno para professor. Para (ROSA *et al.*, 2012, p. 678) a “profissão de professor não pode ser considerada uma ciência aplicada, sendo que o envolvimento humano não pode ser sistematizado, devendo haver um contato mais intenso para gerar o conhecimento”.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi relatar e analisar as atividades do estágio supervisionado, desenvolvidas em uma escola estadual, no município de Maracaju – MS, durante o primeiro semestre de 2014.

## **DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

### **Caracterização do campo de estágio**

A escola apresentava boa infraestrutura, as salas em que o estágio foi realizado, que se referem ao 6º, 7º e 8º anos, eram salas que comportavam em torno de 35 alunos, pois este era o número máximo de mesas e cadeiras que havia nas salas. Quase todas as mesas e cadeiras

estavam em boas condições de uso, as salas eram bem iluminadas, cada sala continha 3 ventiladores de teto, janelas bem distribuídas, o que permitia um bom arejamento das salas., entretanto as lousas não se encontravam em bom estado de uso, apresentam algumas rachaduras, o que dificultava o professor a escrever. A sala dos professores também possuía um grande espaço, o que comportava todos os professores do período vespertino, nesta sala havia um grande armário, cada seção pertencia a um professor, e era identificada com o nome dos mesmos. Ainda na sala dos professores havia dois computadores e uma impressora, disponível para uso. A sala da direção, coordenação e secretaria eram próximas, todas com mesas cadeiras em quantidades suficientes para os funcionários que ali realizavam seus ofícios. Na sala da direção havia um computador, na sala da coordenação havia 2 computadores e na sala da secretaria haviam 3 computadores.

Durante os dias 06 de maio a 22 de maio de 2014, a Biblioteca não estava funcionando no período da tarde, pois a professora responsável estava de atestado médico. Não sendo possível fazer a análise do acervo da Biblioteca. O horário de funcionamento da mesma no período vespertino se iniciava as 13:00 horas e terminava as 17:00 horas todos os dias, os alunos podem emprestar os livros apenas na sexta-feira e devolver na segunda-feira, os empréstimos são realizados por meio da anotação em um caderno de registros.

O laboratório de tecnologias se encontra no piso superior da escola, somente o professor autorizado pode entrar no local com seus alunos, sendo utilizado no horário de aulas normais. O aluno acessa a internet e com o auxílio do professor realiza as pesquisas. No período matutino o laboratório funciona normalmente, e a direção autoriza os alunos do vespertino utilizarem, sempre na presença do professor responsável pelo laboratório, entretanto isso não acontece com muita frequência.

A escola não possui laboratório de Ciências/Biologia, entretanto disponibilizam cartazes sobre fisiologia humana, um esqueleto do corpo humano em resina e um microscópio (que está quebrado). A sala de vídeo está localizada no piso superior e possui: uma TV, um DVD, três multimídia, dois data-show, dois notebooks, uma lousa digital. Há um professor responsável pela sala. Os agendamentos dos equipamentos são feitos pela internet. Sendo estes recursos utilizados com pouca frequência (uma vez por bimestre) pelo professor de Ciências. Para Krasilchik (2004), estes recursos ainda são usados com pouca frequência pelos professores, talvez porque os docentes não reivindicuem a sua aquisição nas escolas, ou não tenham tanto conhecimento sobre essas tecnologias. Entretanto, é de extrema importância o uso destes recursos, pois tornam o estudo mais relevante.

Nos dias em que o estágio foi realizado o professor de ciências não utilizou a biblioteca, e através de um diálogo (acadêmica- professor), foi constatado que os alunos usam a biblioteca apenas para aulas de leitura, na disciplina de português e literatura. Entretanto, o laboratório de tecnologias é mais requisitado, pois o professor realiza algumas atividades de ciências, das quais necessitam de pesquisa em sites. Segundo Krasilchik (2004), o uso dessas tecnologias fornece dados que permite a participação do aluno na resolução de problemas, permitindo que ele (o aluno) seja sujeito participativo da mudança na aprendizagem, uma vez que os meios de comunicação influenciam diretamente nos valores das pessoas.

Ficou evidente que em todas as aulas o professor regente da disciplina de ciências utilizou o mesmo recurso, o livro didático. O livro didático desempenha um papel importante na história da educação, pois segundo Alves (2005), o Brasil é um país que não corresponde ao capitalismo desenvolvido em outros países, se apoiando desta maneira em experiências educacionais de países que são fortes no capitalismo. Nessa perspectiva, em meados do século XVII, o bispo morávio Comenius, projetou essa instituição social, a escola moderna, se baseando na manufatura burguesa. Assim, a produção dos manuais didáticos, que foram criados com base na divisão do trabalho na burguesia, instrumentalizavam os professores de forma rápida e adequada ao trabalho que iriam desempenhar. De acordo com Alves (2009, p. 255), “a gravidade das consequências desse fato para a educação em nosso tempo é evidente. As pesquisas vêm demonstrando que o manual didático, elaborado por compendiatóres, realiza, sobretudo, a vulgarização do conhecimento”.

O docente da disciplina de Ciências também utilizou muito a lousa, algumas atividades extras foram transcritas na mesma e os alunos copiavam para responder posteriormente. A estratégia de ensino mais utilizada foi a de transmissão de conhecimento (leitura e explicação). Esta metodologia adotada pelo professor, de “aulas expositivas, apenas com intenção de informar os alunos” (KRASILCHIK, 2004, p. 78), deixando de considerar os conhecimentos prévios dos alunos e que muitas vezes podem funcionar como “obstáculos epistemológicos”, que causam a estagnação do conhecimento por parte do aluno, uma vez que este não participa ativamente do processo de construção do conhecimento. Desta maneira o estudioso Gaston Bachelard (1884-1962), defende que é a superação dos obstáculos que leva ao avanço do conhecimento. Nessa perspectiva, o filósofo defende:

Na educação, a noção de obstáculo epistemológico também é desconhecida. Acho surpreendente que os professores de ciências, mais do que os outros se possível fosse, não compreendam que alguém não compreenda. Poucos são os que se detiveram na psicologia do erro, da ignorância e da irreflexão. [...] Os professores de Ciências imaginam que o espírito começa como uma aula, que é sempre possível

reconstruir uma cultura falha pela repetição da lição, que se pode fazer entender uma demonstração repetindo-a ponto por ponto. Não levam em conta que o adolescente entra na aula de física com conhecimentos empíricos já constituídos: não se trata, portanto, de *adquirir* uma cultura experimental, mas sim de *mudar* de cultura experimental, de derrubar os obstáculos já sedimentados pela vida cotidiana. (BACHELARD, 1996, p. 23).

Em algumas aulas, no 8º ano, o professor utilizou os recursos disponíveis na escola, como os cartazes de fisiologia humana. Também durante o estágio fez uso da TV e do DVD, no qual ele passou um filme para o 6º ano. No 7º ano foi realizado um projeto (para a Copa 2014), e os alunos realizaram uma atividade escrita, sobre as características dos principais países que estavam participando deste evento.

### **Atividades desenvolvidas na escola**

O estágio supervisionado de observação e participação, foi realizado em três anos do ensino fundamental II, 6º, 7º e 8º. O período de realização do estágio compreende ao 2º Bimestre/2014. No primeiro instante o professor regente apresentou a acadêmica para os alunos, explicando que ela estaria auxiliando-o nas atividades.

No primeiro momento do estágio ocorreu apenas a observação da aula ministrada pelo professor regente. Nesta etapa de observação o professor ministrou o conteúdo de “peixes ósseos e cartilagosos” para os alunos do 7º ano, conteúdo presente no livro didático, sendo que alguns alunos não tinham livro para acompanhar (até mesmo o professor não possuía, pois a quantidade recebida pela escola não foi suficiente para suprir a demanda). Entretanto, a aula foi um pouco difícil de ser realizada, pois os alunos estavam fora de seus lugares, brincando, ou realizando outras atividades, o que demonstrava um quadro de indisciplina. Segundo Garcia (1999), a indisciplina nas escolas tem sido associada como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, e é uma situação muito vivenciada no ambiente escolar, e que se mostra muitas vezes relacionada a situações de desentendimento na sala de aula.

Na sala do 8º ano, a disciplina e a participação já se tornaram mais presente, pois durante as explicações do professor estes participaram, tiraram as dúvidas e se envolveram na explicação do professor. A aula ministrada se referia ao conteúdo de “respiração, circulação e excreção humana”.

Na turma do 6º ano, o conteúdo ministrado foi sobre “as doenças causadas pela água”, todos os alunos possuíam o livro didático e acompanhavam a exposição dos conceitos. A turma conversava bastante durante as explicações do professor, e este tinha que parar a cada

momento para pedir a atenção dos alunos. Segundo Krasilchik (2004), as aulas expositivas apresentam pontos positivos e negativos, pois o professor pode repassar as suas ideias, entretanto dando ênfase aos pontos que ele considera mais importante. E, apesar de atender a praticamente todos os alunos, essas aulas podem se tornar armadilhas da aprendizagem, no sentido de que o aluno perde o interesse com muita facilidade pelo conteúdo, pois este participa da aula apenas como ouvinte.

O período de participação por parte do licenciando ocorreu nas três turmas, durante duas semanas consecutivas. No qual a acadêmica participou auxiliando os alunos indo a suas carteiras, explicando um conceito não compreendido e auxiliando na resolução das atividades. Pois, após as aulas serem ministradas o professor regente distribuiu exercícios avaliativos sobre os temas tratados nas aulas anteriores.

Para cada sala seguiu-se o mesmo perfil de atividade avaliativa, que era de consulta no livro, mas mesmo consultando o livro didático, muitos alunos tiveram dificuldades de encontrar as respostas, pois tinham muita “preguiça” de fazer a leitura e expressar suas dificuldades. Importante salientar que essa atitude por parte dos alunos era frequente e em nenhum momento o professor mudou sua forma de conduzir a aula. Talvez fosse o momento de o professor refletir sobre a prática realizada, pois segundo Schön (1992), é através da reflexão na ação que o professor irá compreender as ideias figurativas que os alunos trazem para a sala de aula. Assim, auxiliando o aluno a entender essas concepções, o professor permite que o aluno faça uma relação entre as ideias figurativas e as formais.

Outro fator importante que deve ser considerado está relacionado às condições de trabalho do professor que, neste caso em particular, possui carga horária reduzida, havendo momentos destinados a preparação de aulas, correção de atividades, não o sobrecarregando em suas tarefas.

Por outro lado, a questão salarial pode ser um estímulo ou um desincentivo a sua atuação na educação, como as autoras Sampaio e Marin (2004, p. 1210), afirmam que, o fator salarial incide pesadamente sobre a precarização do trabalho dos professores, pois a pauperização profissional significa pauperização da vida pessoal nas suas relações entre vida e trabalho, sobretudo no que tange ao acesso a bens culturais.

É importante frisar, que as atividades avaliativas propostas pelo professor regente não foram discutidas em sala com os alunos, impossibilitando aos mesmos compreenderem seus erros e reformularem seus pensamentos. Para Bachelard (1996), o erro é um fator que impulsiona o conhecimento, e este aprendizado deve acontecer através de uma mudança conceitual, que deve ser promovida pelo professor que ao perceber e identificar os obstáculos

do conhecimento crie condições, oriente, motive os alunos em direção ao conhecimento científico coletivo.

Na sala do 8º ano, além da atividade avaliativa, o professor esclareceu aos alunos que nas aulas seguintes eles iriam trabalhar com desenhos dos órgãos do corpo humano, e que cada grupo deveria levar para a aula uma cartolina e lápis de cor. Os alunos gostaram da atividade, pois tinham que desenhar os pulmões, o coração, e os rins, neste momento da atividade, o professor avaliou a participação, o envolvimento dos alunos, não a “estética” do trabalho. De fato muitos não colaboraram com a confecção dos desenhos, estavam desatentos, conversando com outros colegas.

O projeto proposto pelo professor regente sobre a Copa foi realizado com os alunos do 7º ano. O professor levou os alunos para o laboratório de informática e estes fizeram um levantamento dos países que estão participando da copa; em seguida, em grupos os alunos selecionaram algumas das seleções da Copa, e fizeram um levantamento das principais comidas típicas, e da cultura destes países. Os alunos fizeram anotações dessas características analisadas e entregaram ao professor. Nessa atividade o envolvimento dos alunos foi significativo, uma vez que estes se interessam por tecnologias, entretanto outros já aproveitavam a ocasião para entrar em sites que não eram permitidos, exigindo assim total atenção do professor e da acadêmica estagiária para que o foco da atividade não fosse desviado.

### **Atividades desenvolvidas na Universidade e vinculadas ao estágio curricular supervisionado**

Durante as aulas de estágio, nós enquanto acadêmicos do curso de licenciatura em ciências biológicas aprendemos que a tarefa de ser professor não é fácil, tendo em vista que a atuação do docente se dá em condições de mudanças e incertezas. Dessa forma, várias atividades foram desenvolvidas que auxiliaram na reflexão e compreensão do nosso campo de trabalho e da nossa função enquanto futuros professores de ciências e biologia.

Foram realizadas várias leituras de artigos e livros, dos quais foram comentadas atividades que permitiram a discussão de como realizar um estágio de boa qualidade, dos tipos de estágio existentes. Também trabalhamos as sequências didáticas, e como elas podem ser aplicadas em sala de aula. A importância das modalidades didáticas, sendo que a “escolha da modalidade didática, por sua vez, vai depender do conteúdo e dos objetivos selecionados,

da classe a que se destina, do tempo e dos recursos disponíveis, assim como dos valores e convicções do professor” (KRASILCHIK, 2004, p. 167).

Nas aulas de estágio supervisionado também foram trabalhados textos do autor Zabala (1998), em que foram discutidas as aprendizagens de conteúdos factuais, de conceitos e de princípios e também os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Ciências (1998).

Usando todo esse referencial teórico, elaboramos os planos de ensino e desenvolvemos a atividade de microensinos, onde foram simuladas situações de ensino em que nós estagiários atuamos como docentes. E, a partir destas atividades desenvolvidas, construímos uma base teórica para compreender a prática que estávamos realizando, e a importância da mesma no nosso futuro ofício.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O estágio curricular supervisionado se faz de extrema importância no âmbito da formação do futuro profissional da educação, pois é através dele que a realidade do ofício se apresenta, e muitas vezes diferente daquela proposta por vários teóricos.

Foi muito importante compreender que a função do professor é mais que simplesmente passar o conteúdo ou (essa função a internet, TV e outros meios de comunicação, faz muito bem), explicar repetidas vezes. A função docente está muito longe dessa realidade, neste ambiente onde chamaremos de trabalho, devemos ser muito mais do que profissionais que apenas transmitem conhecimentos.

Pude perceber também que na relação professor alunos há necessidade de respeito, carinho, paciência, compreensão e que esses são fatores que podem influenciar na aprendizagem do aluno, com objetivo de torná-lo um cidadão crítico. Pois, como já disse Paulo Freire (1987, 1993, 1996) que a educação deve ser um ato de transformação, o aluno deve conhecer os problemas sociais que o afligem e deve a partir da educação se tornar um colaborador, um ser participativo, que seja capaz de tomar as suas próprias decisões no que se trata da responsabilidade social e política. Ainda, segundo Mogilnik (1996, p.56),

[...] o professor de Ciências é o responsável que, aprimorando-se no seu conhecimento específico e no conhecimento do processo de ensino-aprendizagem, cria as situações de aprendizagem que possibilitam ao aluno o desenvolvimento de capacidades, habilidades e atitudes que contribuam para a formação de um ser humano autônomo, criativo, com valores próprios, com uma sólida base de conhecimentos e capaz de participar ativamente de uma sociedade democrática e pluralista.

Compreendi que como futuros professores temos que buscar soluções imediatas, pensar no novo todo dia, e aí me lembro das aulas de construtivismo, pensar que temos que desconstruir para construir novamente. Essas ideias enquanto acadêmica me fazem pensar que talvez toda a indisciplina vivida por esses alunos seja uma forma de chamar atenção para um problema bem mais grave: a falta de valores. De acordo com Aquino (1998, p. 194) a indisciplina parece ser:

[...] uma resposta clara ao abandono ou à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir de seu papel evidenciado concretamente na ação em sala de aula que eles podem ter clareza quanto ao seu próprio papel de aluno, complementar ao de professor. Afinal, as atitudes de nossos alunos são um pouco da imagem de nossas próprias atitudes. Não é verdade que, de certa forma, nossos alunos espelham, pelo menos em parte, um pouco de nós mesmos? [...] talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar, e como uma resposta, portanto, ao que se oferta ao aluno. Enfim, a indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções.

Com a prática do estágio pude, através de minhas observações que os alunos simplesmente não se importam com o seu futuro, eles estão desacreditados e são poucos aqueles que pensam em mudar. E, uma das soluções, que acredito ser plausível de se aplicar nas escolas, seriam ciclos de palestras, que demonstrem a importância dos valores, dos princípios básicos de respeito. Palestras que apresentem a educação como o único meio de mudança social, de melhoria para eles. Seguido é claro de exemplos de mudança, que devem partir de nós mesmos, futuros professores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **O Ensino de ciências e a educação básica: propostas para superar a crise.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2008. 56p. Disponível em: < ftp://ftp.abc.org.br/ABCensinoemciencias2007.pdf >. Acesso em: jun. 2014.

ALVES, G. L. Escola pública: funções, projeto de formação e trabalho didático. **Revista Educativa.** Goiânia. v. 12, n. 1, p. 151-161, jan./jun. 2009. Disponível em: <seer.ucg.br/index.php/educativa/article/download/900/638 >. Acesso em: jul. 2014.

ALVES, G. L. **O trabalho didático na escola moderna: formas históricas.** Campinas, SP: Autores Associados. 154 p. 2005.

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo. v. 24, n. 2, p. 181-204, jul./dez. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011)>. Acesso em: jul.2014.

BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 28/2001**. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2001.

CARDOSO, G.; COSTA, J. H.; RODRIGUEZ, R. C. M. C. O estágio curricular na formação de professores do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas. **Momento**, Rio Grande do Sul. v.20, n.2, p.67-79, 2011.

CARVALHO, A. M. P. (org.) **Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p. 1-17, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, A. M. Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos. **Colóquio: modelos e práticas de formação inicial de professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa**. Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>>. Acesso: 03 jun. 2014.

GARCIA, L. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Ensaio: Pesquisa e Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2001. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/35/66>>. Acesso em: jun. 2014.

MOGILNIK, M. Como tornar pedagógico o livro didático de ciências? **Revista Em Aberto**. Brasília, DF. ano 16 n. 69, jan./mar. 1996. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1038/940>>. Acesso em: jul. 2014.

PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas. v. 25, n. 89, p. 1203-1225, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: jul. 2014.

SANTOS, A. C.; CANEVER, C. F.; GIASSI, M. G.; FROTA, P. R. O. A importância do ensino de ciências na percepção de alunos de Escolas da rede pública municipal de Criciúma – SC. **Revista Univap**. São José dos Campos. v. 17, n. 30, dez. 2011.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Tradução Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 77-91, 1992. Disponível em: <<http://profmarcusribeiro.com.br/wp-content/uploads/2012/04/Formar-Professores-como-Profissionais-Reflexivos-donald-schon.pdf>>. Acesso em: jul. 2014.

ROSA, J. K. L.; WEIGERT, C.; SOUZA, A. C. G. A. Formação docente: reflexões sobre o estágio curricular. **Revista Ciência e Educação**, v. 18, n.3, p.675-688, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!topic/prodocencialetras/moZgKnDmUFQ>>. Acesso em jun. 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas**. Dourados, 2007. Disponível em: <[http://www.uems.br/portal//cursos/repositorio/2\\_2010-10-01\\_22-45-15.pdf](http://www.uems.br/portal//cursos/repositorio/2_2010-10-01_22-45-15.pdf)>. Acesso em: jul. 2014.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artemed, 1998.